Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas

Aging and Identity: Meanings of Elderly Women

Irani Iracema de Lima Argimon
Adolfo Pizzinato
Daniel Dall'Igna Ecker
Daniele Lindern
Samantha Torres

RESUMO: Este estudo é de caráter qualitativo e propõe reflexões sobre a construção da identidade em mulheres idosas. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com seis idosas, e os dados foram analisados por meio da Análise Compreensiva de Base Fenomenológica**.** Constatou-se que a mulher idosa pode estar ressignificando seu papel na sociedade, e, hoje, ruma para a construção de um espaço social onde haja igualdade de direitos e deveres.
Palavras-chave: Idosas; Gênero; Subjetividade.

ABSTRACT: *This paper presents the results of a survey that focus on reflections on the construction of identity in elderly women. Interviews were conducted by semi-structured form with six elderly women and the data were analyzed based on the Comprehensive Review of Phenomenological Base. Not reduce the subject to biological, genetic, social allows us to develop these projects and achievements in this time of life where the experience can lead to a better well-being and quality of life.*
Keywords*: Elderly; Gender; Subjectivity.*

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa sobre a construção da identidade em idosas. Desta forma, foi investigado como os espaços sociais auxiliam e interferem na construção da autopercepção, produção de subjetividades e na qualidade de vida deste grupo**,** considerando as teorias do desenvolvimento humano e outras formações culturais contemporâneas.

Somente a partir da década de 60 começaram a surgir mais estudos sobre aspectos psicológicos do envelhecimento. A explicação dessa escassez deve-se à baixa porcentagem de idosos na população mundial até poucas décadas (IBGE, 2008), sendo então de maior relevância o estudo da pediatria e de aspectos da juventude (Griffa & Moreno, 1993).

De acordo com Papalia (2000), na terceira idade, há um aumento da vulnerabilidade, um padecimento físico. Envelhecer, muitas vezes, representa ameaça, como o desgaste das capacidades de uma pessoa e reconhecimento de suas limitações. A velhice pode ser considerada uma passagem vital comum a todos os seres humanos.

Em países desenvolvidos, os idosos normalmente dispõem de melhores condições de vida, convivem bem entre si e a comunidade e podem desfrutar de maior autonomia, diferentemente dos países em desenvolvimento, onde predominam a pobreza e a carência nutricional, condições aceleradoras ao processo de envelhecimento, tornando os idosos mais vulneráveis a diversas enfermidades (Griffa & Moreno, 1993).

A partir das produções científicas sobre o desenvolvimento humano, por parte da psicologia, foi criado um "estatuto", o qual acaba por definir normas, expectativas e comportamentos em relação a cada uma de suas etapas, de acordo com valores da sociedade, relações intergrupais e grupos sociais. Desta forma, as teorias do desenvolvimento foram, ao longo do tempo, tomadas como verdades, pois se tornaram coerentes com os valores dos contextos sociais nos quais estão inseridas, dando a estas teorias uma face moral:

> As teorias do desenvolvimento humano, apoiadas nos pressupostos desenvolvidos por Freud, Skinner, Piaget e Vygotsky, por exemplo, muito mais do que descrever, acabaram por constituir uma realidade social acerca da natureza humana, institucionalizando o processo de desenvolvimento em uma direção determinada (Almeida & Cunha, 2003: 148).

Para Cunha (2000), o caráter normatizador da Psicologia do Desenvolvimento acaba por tipificar os diferentes estágios do ciclo vital humano, especificando cada idade da vida, definindo o lugar social do sujeito dentro da sociedade. Assim, a Psicologia do Desenvolvimento atua com caráter instituído, definindo regras e prescrevendo comportamentos. Ela passa a construir a identidade dos sujeitos na medida em que seus preceitos são incorporados pela cultura. A velhice, sendo associada à decadência e dependência, leva o idoso a proteger sua identidade, negando tais características e ocultando sua fase do desenvolvimento humano. Este mecanismo utilizado pelo idoso serve como uma estratégia já que a ele são relacionados atributos que denotam "morte" e "estagnação" (Almeida & Cunha, 2003).

Nesse sentido, o presente texto articula conceitos do desenvolvimento, velhice e terceira idade discutindo sobre como a construção de identidades dos sujeitos em processo de envelhecimento se dá perante as produções culturais sobre as etapas da vida, neste caso, referindo-se a mulheres idosas. A ideia é transcender mitos e preconceitos em defesa da construção de possibilidades de ser que produzam vida e empoderamento aos sujeitos. A partir disso, traremos alguns apontamentos que contextualizam a história da velhice e terceira idade, das teorias do desenvolvimento, de gênero e relativas às pesquisas sobre ocupações de idosas, para então, relacionar aos dados encontrados neste estudo.

Contextualização histórica da velhice e terceira idade

Por muito tempo a velhice foi considerada uma etapa de debilidade, de enfraquecimento e da perda de autonomia. Atualmente, com os avanços da tecnologia e ciência, com consequente aumento da qualidade de vida, o conceito de velhice começa a se transformar. Apesar da mudança de condições de vida, as representações da velhice permeiam o imaginário social e ainda perpetuam uma ideia negativa de envelhecimento. Com frequência, os estudos sobre o processo de envelhecer utilizam como referências os aspectos negativos, tendo como foco as perdas e doenças que ocorrem nesta etapa da vida.

De maneira ambivalente, os ganhos que um tempo maior de vida proporciona são minimizados em uma cultura que hipervaloriza sabedoria, experiência e habilidades

nos relacionamentos sociais, que são colocados em segundo plano na maioria das pesquisas (Luz & Amatuzzi, 2008).

A concepção de velhice como uma fase da vida nem sempre esteve presente no discurso social. Os estudos que classificam a vida em etapas de desenvolvimento surgem como uma forma de organização das relações nos espaços sociais e nos modos de produção da sociedade. É no século XIX que se inicia, gradativamente, a criação de categorizações etárias, as quais buscavam diferenciar pessoas e grupos quanto a hábitos, funções, capacidades, modos de ser e de se relacionar. Nessa época, propaga-se a ideia de vida dividida em estágios fragmentados com características definidas e bem estruturadas, de acordo com cada etapa. Há de se salientar que a ideia de velhice faz parte de um processo histórico, que inclui também outras categorias etárias como, por exemplo, a infância e a adolescência. Como toda a categorização, o conceito de velhice passa a produzir, no espaço social, imaginários e estereótipos de grupos e pessoas. Pelo menos dois processos foram de vital importância para esta construção: a formação de um saber médico que passa a se ocupar do corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias (Silva, 2008a).

A perspectiva biomédica utiliza como base o pensamento de que o corpo envelhecido é vulnerável, ou seja, é mais passível de adoecer. Assim, iniciam-se práticas de controle, nas quais o idoso é constantemente vigiado no seu cotidiano: cuida-se do que se ele se alimenta, cuidam-se das atividades que realiza, vigia-se seu corpo e com quem ele se relaciona. Em relação à institucionalização das aposentadorias, tem-se como ideia central a velhice como a fase da vida em que o corpo se degenera e, em uma perspectiva capitalista, não serviria mais para a produção. Através deste olhar foi possível alimentar os discursos do Estado e fomentar a criação de políticas assistenciais. A aposentadoria, entre outras políticas surgidas através do discurso do que é velhice, acaba por ser o recurso estatal que vai dar conta desse corpo em degeneração (Silva, 2008a).

Constituídas essas perspectivas de envelhecimento, os "velhos" passam a moldar e construir suas identidades através destes símbolos e significados atribuídos à terceira idade. Em seus estudos, Hall (1997) coloca em evidência que os sujeitos aprendem o que é "ser velho" e constroem percepções de si baseadas na produção cultural:

> O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias, experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (Hall, 1997: 26).

Contudo, nas últimas décadas, têm-se criado novas perspectivas identitárias. A faixa etária e suas classificações estereotipadas passam a ser entendidas mais como "marcadores" do que como uma essência estrutural do "eu". Surge o conceito de "terceira idade", o qual passa a ser um contraponto à representação de envelhecimento até então proposta. A velhice, antes entendida como decadência física, invalidez, momento de repouso, silêncio, isolamento afetivo e social, passa agora a ser significada como o momento da realização pessoal e do lazer que não pôde ser vivenciado na juventude. O "velho" passa a ser "idoso", criando-se assim novas representações do que é ser sujeito nessa idade, ressignificando suas identificações, comportamentos e modos de pensar (Debert, 2003).

Começa-se a criar uma diferenciação entre "terceira idade" e velhice. Terceira idade é um conceito que existe há menos tempo que a ideia de velhice. Para alguns autores, a terceira idade refere-se a uma reprivatização da velhice, sendo que, por meio desta nova visão de identidade, criou-se a possibilidade de vivenciar o envelhecimento como uma etapa da vida prazerosa e gratificante, propícia para a realização de projetos e ambições pessoais. A ideia de velhice, por outro lado, ainda se refere à inatividade, decadência fisiológica e cognitiva e como experiência de solidão e dependência (Silva 2008b).

Percebemos assim, que os valores sociais e culturais de um determinado tempo e local, normatizam natureza humana e suas experiências. Nesse exemplo, vimos como os valores expressos no conceito de velhice e terceira idade acabam por influenciar e dar outros modos de interpretação às vivências dos sujeitos. Assim é em relação ao conceito de gênero, que também influencia a vida de mulheres idosas. O gênero, como um produto cultural, refere-se a papéis que devem ser adotados pelo sexo masculino e feminino:

> Gênero nos permite compreender que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são simplesmente produtos de suas diferenças biológicas. Mas, sim, construções resultantes das relações sociais, ou seja, das relações entre as pessoas e delas com a natureza, no desenvolvimento de cada sociedade. Essas relações vão construindo a história e a cultura dos povos. Estudando o desenvolvimento dos povos, observou-se que homens e mulheres mudam de papéis, de cultura para cultura e, ainda, no interior de cada uma delas, dependendo do período e das condições históricas em que estão vivendo. (Figueiredo, Tyrrel, Carvalho, Luz, Amorim & Loiola, 2007: 423).

A partir desta perspectiva, as relações entre as pessoas são influenciadas por ideias, valores e modelos sobre o que é ser masculino e feminino na nossa sociedade. É importante termos em conta tais produções culturais, para entendermos como a mulher idosa hoje vivencia seu processo de envelhecimento, tendo na sua formação social orientações de gênero que influenciam a formação de sua identidade enquanto sujeito social.

Segundo Figueiredo *et al.* (2007), para grande parte das mulheres que hoje têm 60 anos ou mais, a família foi o principal ponto de referência na vida. Poucas são as que trabalharam em alguma profissão fora de casa. Atualmente esse cenário tem se modificado muito, e as novas gerações estão podendo optar por outras formas de funcionamento social, mas as representações desse gênero feminino ainda persistem no imaginário das pessoas. Assim, a imagem da mulher idosa, para a sociedade em geral, acaba sendo fortemente influenciada por dois marcadores identitários: a idade (enquanto decrepitude) e o gênero feminino (enquanto pessoas que fazem a maior parte das atividades em casa), reforçando a representação de dupla vulnerabilidade social.

Pode-se enxergar, porém, que justamente essa característica geracional, que marca suas identidades, fez com que essas mulheres tenham envelhecido de forma mais ativa e saudável que os homens (Silva, 2008b). Como para os homens dessas gerações a atividade social esteve inserida principalmente no âmbito do trabalho fora de casa, para eles o momento da aposentadoria suscita um sentimento de inutilidade social, fazendo com que se sintam deprimidos, sendo também mais afetados pelas intercorrências físicas que o envelhecimento do corpo produz. Já as mulheres sentem-se resignadas de

algumas perdas, mas, devido à liberdade econômica que as aposentadorias proporcionam, muitas vezes, se empoderam para decidir sobre suas vidas de forma mais independente (Figueiredo, 2007).

Esse fato acaba por possibilitar uma maior circulação e socialização das mulheres na terceira idade, pois agora lhes é possível, havendo terminado o papel social pré-definido das funções femininas na sociedade, investir mais em si. Pode-se afirmar que existem duas imagens predominantes da mulher idosa para a sociedade: uma que vêm de tempos, que une a ideia de velhice e do gênero feminino, enquanto pessoas fazendo atividades em casa de forma solitária e dependente. A outra ideia está começando a se constituir aos poucos, levando em conta as diferenças das pessoas idosas da geração atual que, devido à maior expectativa de vida, depois de suas aposentadorias, dispõem ainda de tempo e condições de continuar sua circulação e atividades e, inclusive, aumentá-las, modificando socialmente a ideia de que o envelhecimento está ligado à reclusão, passividade e descanso.

Na prática, esta segunda forma de perceber a mulher idosa evidencia que estas começam a circular mais nos espaços sociais, antes restritos aos homens e, assim, ampliam a diversidade de suas atividades cotidianas e com os grupos que interagem. A criação de espaços de lazer para a terceira idade, esportes e atividades físicas, culturais e artísticas voltadas para estes grupos são importantes para se compreender como as mulheres idosas podem viver atualmente.

As atividades de lazer, grupos de encontro e atividades físicas possibilitam, por exemplo, retardar os prejuízos funcionais decorrentes do processo de envelhecimento e funcionam como um meio satisfatório para aumentar a qualidade de vida na velhice (Busse & Blazer, 1999).

Nas últimas décadas, a qualidade de vida tem sido foco de estudos em diversas áreas e, referindo-se aos idosos, o estilo de vida ativo passou a ser considerado um caminho para a redução da mortalidade e promoção da saúde (Terra, 2001; Knorst, Silva, Mantelli & Bós, 2001). A qualidade de vida é conquistada a partir do momento em que se percebe a capacidade e habilidade de desempenhar tarefas cotidianas, mesmo com as peculiaridades da velhice.

Muitos idosos tendem a avaliar sua vida de forma mais positiva quando sentem que dispõem da capacidade de tomar suas próprias decisões e de manter o controle sobre suas vidas (Ramos, Toniolo Neto, Cendoroglo, Garcia, Najas, Perracini, Paola,

Santos, Bilton, Ebel, Macedo, Almada F., Nasri, Miranda, Gonçalves, Santos, Fraietta, Vivacqua N., Alves & Tudisco, 1998).

Borges e Rauchbach (2004) observaram que os idosos que não praticam atividades físicas apresentam uma maior probabilidade de desenvolverem estados depressivos em todas as categorias. Em outra pesquisa, percebeu-se a importância de projetos que incentivem atividades que estimulem a cognição e o físico dos idosos, pois estes promovem o bem-estar e a saúde deste grupo. Projetos estes que, além de terem um custo baixo comparado às políticas públicas, são importantes para as comunidades, pois ampliam as relações sociais dos participantes e estimulam a prática de uma vida ativa (Rusch, Mallet, Souza, Wendt & Argimon, 2008).

Dessa maneira, espaços que possibilitem interações e permitam que os idosos e as idosas interajam com os demais se tornam possíveis facilitadores de uma velhice bem sucedida. Esta consequência se daria, pois estes espaços propiciam suporte emocional, instrumental e informacional a esse grupo, fazendo com que seus componentes desenvolvam habilidades sociais e capacidade de resolver problemas decorrentes da velhice.

Muitas idosas buscaram projetos como estes visando a adquirir novos conhecimentos, amizades, ocupação do tempo livre e um novo sentido para a vida (Irigaray & Schneider, 2010).

A partir de todas essas questões, percebemos a necessidade do desenvolvimento de um estudo que investigasse como as produções culturais interferem na construção dos novos modos de ser da mulher idosa e atravessam seu cotidiano no que se refere à autopercepção enquanto sujeito em processo de envelhecimento.

Através da retomada conceitual sobre a velhice e terceira idade, além de questões de gênero e suas repercussões na vida das mulheres idosas, este projeto foi produzido, buscando analisar como estes aspectos participam e interferem na construção da identidade deste grupo de pessoas.

Método

Realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, que contou com uma entrevista semi-estruturada com seis idosas da cidade de Porto Alegre (RS).

Na entrevista, foram feitas perguntas referentes às relações interpessoais, atividades e autonomia.

Os dados foram analisados com base na Análise Compreensiva de Base Fenomenológica (Bernardes, 1991).

É importante ressaltar que a análise dos dados foi realizada através da comparação entre os dados coletados e pesquisas desenvolvidas sobre o tema em questão.

As participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, o qual as informava que sua participação era voluntária e que poderiam desistir a qualquer momento, de acordo com a aprovação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob o n.º 06/03355.

Resultados e Discussões

Para melhor visualização dos dados, foi elaborada uma tabela (Tabela 1, a seguir), de acordo com as respostas obtidas nas entrevistas e demais dados socioeconômicos que caracterizam as participantes.

Os nomes das participantes são fictícios, criados para preservar sua identidade e manter em sigilo as informações pessoais.

Após a tabela, descrevem-se os resultados, buscando discuti-los por meio das teorias abordadas neste estudo.

Tabela 1

Nome	Idade	Estado Civil e Moradia	Escolaridade	Saúde	Atividades	Relacionamentos
Paula	82	Viúva. Não tem namorado(a) ou companheiro(a). Mora sozinha com quatro animais de estimação (três gatos e uma cadela).	Ensino Médio Completo	Tem osteoporose (se diz resistente a medicação, não que tomar remédios). Relata estado de saúde bom.	Curso de informática, eventos da igreja (chás, almoços, jantas) e passeios (praia e serra).	Amiga de infância (do tempo do colégio), Mãe, amigos da igreja e vizinhos. Considera animais de estimação e computador como companheiros.
Maria	65	Solteira. Não tem namorado(a) ou companheiro(a). Mora sozinha com onze animais de estimação (dez gatos e uma cadela).	Curso superior completo	Não relatou problemas de saúde.	Grupo de dança, coral, curso de informática, cinema, teatro, encontro com amigos em casa. Fazia hidroginástica e musculação (parou, pois quebrou o punho e machucou o pé. Gostaria de voltar).	Animais de estimação, amigos do grupo de dança, do coral, da época do magistério e da faculdade.
Tania	65	Viúva (há 14 anos) Não tem namorado(a) ou companheiro(a). Mora sozinha.	Curso superior incompleto	Fez cirurgia na vesícula. Está com cinco nódulos na garganta. Relata que sua saúde está regular.	Curso de informática e trabalho voluntário religioso (trabalha para a comunidade carente que a igreja auxilia).	Família e, principalmente, irmã e três amigas (com as quais troca confidências). Comunidade a qual faz trabalho voluntário.
Luana	67	Divorciada (há 20 anos). Não tem namorado(a) ou companheiro(a). Mora sozinha.	-----	Toma remédio para o coração.	Musculação, curso de informática e pintura. Cinema, churrasco em família e ir à praia. Não frequenta bailes, mas gosta de dançar em casa. Quer entrar em um grupo de dança.	Amiga do ex-marido. Amiga da musculação. Familiares no fim de semana. Sustenta cinco gatos da rua e cuida do gato da irmã e de um cachorro da rua dela.
Clara	70	Viúva (há 12 anos) Não tem namorado(a) ou companheiro(a). Mora sozinha.	Pós-Graduação	Relatou problema no joelho e acredita que sua saúde está boa.	Bailes, cursos (tapeçaria, informática e artesanato), reuniões com amigos em casa. Antes de ter problema no joelho caminhava, jogava vôlei e natação.	Grupo de amigos e família (filhas e netos).
Luci	75	Casada. Mora com o marido.	Científico incompleto	Não relata problemas de saúde. Acredita que sua saúde está boa.	Curso de informática, passeios, jantares, hidroginástica, palavras cruzadas e caminhadas.	Irmã, marido, filhos e netos.

Os resultados obtidos sugerem que as percepções tradicionais de velhice (vistas como uma fase da vida de declínio físico e cognitivo) ainda influenciam e subjetivam a visão que as entrevistadas têm de si:

> *"Eu acho assim, por exemplo, eu sou bem consciente, uma mulher na minha idade, é muito difícil encontrar um senhor, uma pessoa, que vá querer ter uma amizade com uma pessoa mais da minha idade. Normalmente ele vai querer uma mulher de 65, o que é muito mais compreensível. E eu acho que a recíproca é verdadeira."* (Paula, 82 anos).

Percebe-se uma desvalorização da pessoa que tem mais idade, como se a busca por amizades sempre fosse com pessoas mais novas por estas parecerem, segundo o entendimento da entrevistada, mais interessantes que pessoas com mais idade. Debert (2003) aponta mudanças nas representações da velhice como decrepitude para um novo conceito, no caso "terceira idade" (que é visto como um período de possibilidades de realização pessoal, contrapondo-se ao anterior); ainda assim, percebe-se que parte das entrevistadas demonstra manter suas identidades atreladas a uma vivência da velhice como decadência e isolamento afetivo.

Em outro relato, referindo-se à velhice como algo não desejável, uma participante expõe:

> *"Não gosto de roupa de senhora nem nada, eu gosto de roupa juvenil. De jovem. E que seja de senhora, mas que seja jovem. Não é? Minha filha de lá do Rio que me manda umas roupas de vovó. Deus me livre!"* (Clara, 70 anos).

Esse fragmento mostra claramente que, no entender da entrevistada, identificar-se como um "velho" deve ser evitado. Devido ao estereótipo da velhice, busca-se uma negação de certas práticas tidas como comuns nesta idade, pois o desejável nos discursos sociais é manter uma aparência jovial.

Como aponta Silva (2008a), a divisão da vida em categorias etárias produziu, no contexto social, discursos e imaginários sobre grupos e pessoas. Estes imaginários e

discursos produzem "verdades absolutas" como, por exemplo, de que uma pessoa não se sentirá atraída por alguém mais velho. Estabelece-se uma norma cultural que define: ao envelhecermos, para sermos atraentes, precisaríamos usar roupas juvenis, sermos juvenis e não "*vovós*".

Em comparação com os estudos de Luz e Amatuzzi (2008), percebe-se, no relato das entrevistadas, um discurso sobre si, associando o processo do envelhecimento a aspectos negativos, tendendo a omitir e não perceber os ganhos que um maior tempo de vida proporciona. Isso nos faz destacar que a construção cultural sobre o que é ser velho produz significados que limitam as possibilidades de liberdade na construção de identidade destas pessoas.

Em quase todas as entrevistas, pode-se perceber que muitas vezes as colocações eram feitas usando como marco a própria idade, mesmo que as perguntas não fizessem este direcionamento. Desde o modo de se vestir, passando por sentir atração por outras pessoas em que a questão do desejo sexual, por exemplo, se torna muito presente em seus discursos na relação com a velhice, aparecendo, pois, como constituinte dos enunciados como este: "*Não que... às vezes então a gente se masturba mesmo, por causa que... a gente ainda sente, às vezes, vontade, né?"* (Luci, 75 anos).

A velhice aparece, para parte das entrevistadas, como uma fase da vida na qual se perdem várias coisas. Assim, quando alguém, com mais anos de vida, sente vontade, por exemplo, de se masturbar, isso é de certa forma manifesto em fragmentos similares a este: "*... a gente ainda sente, às vezes, vontade, né"*. Nessa frase podemos perceber que a entrevistada, subjetivada pela ideia de envelhecimento como um tempo de perdas, concebe a sexualidade como uma das coisas a ser deixada de lado. Isso fica evidenciado nos termos "ainda" e "às vezes" e demonstrando uma necessidade de se "justificar para alguém mais jovem".

Em outro trecho da entrevista, ao ser perguntada se sentia atração física por alguém, a entrevistada responde:

> *"Ah, quando vem assim uma pessoa assim... Como eu não tenho saído muito, tem pessoa, tem, às vezes tem, tem homens que tem... Dá uma, tem... Dá... A gente no fundo, no fundo, seja a idade que a gente for, a gente é adolescente"* (Clara, 70 anos).

Para esta entrevistada, a sexualidade parece ser algo sentido como não pertencente ao tempo fisiológico em que ela vive atualmente. Sentir atração física, desejo por outra pessoa, vontade de ter companhia, é visto como uma característica das pessoas jovens, fato evidenciado pela entrevistada ao se chamar de adolescente referindo-se à atração que sente por homens. Em nossa interpretação, o que a entrevistada quis dizer foi: "(...) *no fundo, seja a idade que a gente for, sentimos atração pelas pessoas*" (grifo nosso). Contudo, refere o sentimento de atração sexual como uma prática considerada adolescente.

Em contrapartida, percebe-se que quando o discurso das idosas não aparece carregado de estereótipos; existe uma vivência que nos parece mais saudável, não precisando necessariamente ser de aceitação de um padrão ou negação dele, mas simplesmente de vivência única: *"Tem uma amiga da musculação que a gente vai ao cinema uma vez por semana. E o meu, o meu passeio muito é no verão, é praia, né..."* (Luana, 67 anos). Nesse trecho a pessoa fala a partir de si, de sua existência, que é única. Ou seja, na fala não encontramos referências a estereótipos seja de ser "velho" ou ser "idoso", é uma fala que remete a vivência como de qualquer ser, independendo de idade. Nessa perspectiva, que fala de existências sem marcações, o sujeito se preocupa com o viver e não com o enquadramento em estereótipos o qual acaba gastando tempo analógico e tempo emocional.

Para a Psicologia do Desenvolvimento tradicional, envelhecer pode representar para o idoso uma série de mudanças cognitivas e comportamentais, que mudarão por completo sua rotina e vida. Nesta perspectiva, envelhecer significa uma constante perda de saúde e capacidade física, consequentemente, levando ao medo do envelhecimento, além de representar também um desgaste de capacidades, reconhecimento de limitações, maior vulnerabilidade a psicopatologias, como depressão, por exemplo, por estar passando para uma nova fase da vida, onde a aposentadoria e a perda do cônjuge podem ser fatores desencadeadores destas. Alguns teóricos afirmaram até mesmo que consideravam a velhice como uma doença.

Muitas destas afirmações, porém, foram se desmistificando ao longo da análise das entrevistas que fizemos. Mesmo com algumas limitações, que são inevitáveis no processo de envelhecimento físico, as entrevistadas demonstraram que exercem atividades variadas. Uma senhora, por exemplo, quando questionada se frequenta bailes para terceira idade, respondeu:

> *"Ah, sim, vamos, vamos. Eu vou, vou. Só que agora ultimamente to com dor no joelho que me dói muito e não tenho ido mais. Mas 15 dias atrás eu fui. Ah vou, é só me sentir bem e as gurias já começam a perguntar: 'Vamos? Ô Clara!'. 'Quando eu to boa eu vou. Aí elas vão comigo. Eu que levo. Eu aproveito. Tu sabe que minhas filhas reclamam de eu não sair, quando eu não saio? Elas sempre me dão força, sempre me dão força, ta. Eu sou mais jovem que elas [...]Adoro fazer uma reunião em casa. Não ligo. E sou sozinha.'* – Entrevistador: 'A senhora mora sozinha?' – '*Sozinha, sozinha. Isso aí não me impede de nada'* – Entrevistador: 'Desde que a senhora ficou viúva ficou morando sozinha?' – '*Sozinha, sempre sozinha. Ando, vou pra praia sozinha, fico sozinha, não tenho medo (risadas)'."* (Clara, 70 anos).

Mesmo tendo uma limitação física – problema no joelho –, esta senhora não deixa de frequentar bailes (local onde há música e interações interpessoais). Conforme ela mesma relata neste trecho, assim que se sente melhor ela sai com as amigas. Desta forma, para esta senhora, o processo de envelhecimento não parece causar medo da perda de sua saúde e capacidade física, pois mesmo ela estando prejudicada por seu problema no joelho, não deixa de fazer o que gosta. A condição da viuvez e o morar sozinha parecem ter uma representação de independência neste contexto, o que é considerado saudável para um idoso.

Outra senhora, quando questionada sobre os cuidados que tem com seu corpo, disse:

> *"Faço hidroginástica três vezes por semana, e venho aqui fazer informática, né, que é bom também, faço palavras cruzadas também que é bom pra memória, né, e caminho de vez em quando caminho também"* (Luci, 75 anos).

Luci não frequenta bailes por seu marido não gostar, mas apesar disso faz muitas outras atividades sem a participação dele. Fazendo estas atividades, Luci parece contradizer novamente o medo do envelhecimento e reconhecimento de limitações, pois estas exigem esforço cognitivo e físico.

Cada idosa entrevistada demonstrou ser ativa em sua rotina, mas da sua própria maneira e com gostos bem diversificados de atividades. A única atividade em comum das mulheres entrevistadas foi o curso de informática, pois todas são colegas. Tânia por exemplo, trabalha ativamente na igreja que frequenta:

> "*Eu tenho 65 anos, sou viúva, me dedico ao trabalho religioso, trabalho com pessoas que precisam de apoio, cursos, empregos, faço reflexões religiosas levando a palavra de Deus, e quando estou doente também... Endereçando aos locais certos, conversando para que façam visitas médicas, distribuo alimentos também, que eu busco através do banco alimentação, onde eu tenho o cadastro de 300 famílias, que dependam de minha pessoa por que o pessoal não é muito de pedir e buscar e eu vou em prol de quem precisa.*" (Tânia, 65 anos).

Tânia não frequenta bailes e não faz atividades físicas, porém todo o tempo que usaria para realizar estas atividades, ela dedica a trabalhos voluntários na igreja, que segundo ela, desta forma se "*sente bem e se encontra*".

Esta senhora não faz atividades em prol de sua saúde física como as outras duas que foram citadas anteriormente, mas direciona estas para o convívio e carinho com outras pessoas. Este trabalho voluntário pode corroborar para sua saúde mental, pois como ela própria afirma:

> *"Como eu tenho fé na comunidade, eu sou uma pessoa muito feliz por que eu tenho muita amizade em qualquer lugar que eu vô, mesmo aqui na PUC com os cursos que eu faço, fiz muitas amizades. Em todos os lugares que eu frequento eu faço amizade, eu tenho facilidade pra isso"* (Tânia, 65 anos).

Os dados obtidos sugerem, assim como apresenta a literatura (Busse & Blazer, 1999), que as atividades de lazer, atividades físicas e grupos de encontro funcionam como meios de prevenção e promoção da saúde na terceira idade. Todas as participantes relataram obterem prazer ao realizarem atividades, tais como, caminhadas, passeios (shopping, cinema, parques, viagens e excursões), atividades artísticas e culturais (dança, artesanato, leituras e cursos), reuniões com vizinhos, amigos e familiares, assim

como atividades religiosas. Estes espaços funcionam como meios para que o sujeito possa desenvolver relações com outros e estabelecer comunidades. Comunidade entendida como um conceito que implica, além da questão burocrática e organizacional, a presença de afetos e sentimentos que respondem à necessidade dos seres humanos de amar e serem amados (Guareschi, 2005): "*as amigas dançam umas com as outras (...) eu me esbaldo, danço, danço, danço*"; eles proporcionam a criação de vínculos: "*adoro sair e adoro me comunicar com as pessoas, estar junto com elas*"; e permitem a possibilidade das idosas conhecerem pessoas para relacionamentos íntimos: "*as minhas amigas que vão com interesse de arrumar uma pessoa, um companheiro ou um namorado*".

As atividades cotidianas realizadas pelas idosas foram avaliadas de forma mais positiva quando estas perceberam um grau de intimidade maior entre elas e os sujeitos que interagem. Ao ser questionada sobre sua frequência ao médico e manutenção de um tratamento a idosa relata: "*o meu postinho é muito legal, tem um médico já de anos que está ali, eu já conheço as enfermeiras e tudo*". Terra (2001) já salientava que a percepção que o sujeito cria de si interfere de forma significativa na sua qualidade de vida, assim, pessoas que valorizam suas habilidades de desempenhar tarefas cotidianas e enfrentar os desafios diários possuem maior facilidade de lidar com algumas dificuldades. A solidão, característica encontrada com frequência em estudos sobre velhice, nem sempre se torna um obstáculo: "*desde que sou viúva moro sozinha, sempre sozinha. Ando, vou pra praia sozinha, fico sozinha, não tenho medo* (risos)".

A capacidade de manter controle sobre suas vidas e poder tomar suas próprias decisões foi destacado pelas idosas como pontos importantes no que se refere a bem estar. A simples escolha do que querem vestir empodera os sujeitos:

> "*E quando eu saio para outra ocasião, tipo um aniversário, ou um chá, a gente coloca uma roupa melhor, né (...). Porque eu sou assim, eu tenho uma roupa pra sair e uma pra ficar em casa*".

A capacidade de tomar decisões e de obter o controle de suas vidas, além de melhorar a qualidade de vida das idosas (Ramos *et al.*, 1993), proporciona escolhas mais satisfatórias e autoconhecimento.

Considerações finais

De acordo com os resultados analisados, identificou-se que as produções teóricas sobre velhice, e como estas são divulgadas em nossa cultura, ainda atribuem significados negativos a esta etapa da vida. Nos relatos das entrevistadas foi possível evidenciar que esta negatividade perpassa todo o imaginário das participantes e interfere no modo como estas estruturam sua identidade e se percebem. Atributos tais como, por exemplo, solidão, formas de se comportar e se vestir, declínio físico, cognitivo e estético, baixa libido sexual, incapacidade e desesperança permeiam a imagem que as entrevistadas possuem de si. Estas barreiras interferem nos seus cotidianos, circunscrevendo suas escolhas. Tais percepções de velhice funcionam como regras rígidas que restringem a idosa, desde a escolha da roupa que utilizará ("*escolho as roupas que não são muito chamativas, nem muito..., são discretas, né (risos), para a idade da gente, geralmente é assim*") até na busca de relacionamentos íntimos e obtenção de prazer ("*agora, assim, cheguei a uma certa idade que eu achei que eu não devo mais* [buscar novos relacionamentos]").

Apesar de os estudos sobre idosos evidenciarem que o conceito "terceira idade" surge como um novo modo de perceber a velhice (Debert, 2003), o grupo entrevistado denuncia que ainda há significados negativos atribuídos a esta idade que interferem no cotidiano destes sujeitos. Constatamos uma forte necessidade da não categorização do idoso, pois esta resulta em papéis pré-determinados. Cada entrevista ressaltou a individualidade do processo do envelhecimento que é tão único quanto qualquer outra fase do ciclo vital. Questionam-se os métodos da Psicologia do Desenvolvimento Tradicional que não levam em consideração o contexto cultural dos sujeitos, estabelecendo assim, relações "causa e efeito". Propõe-se que os estudos abordem a análise dos sujeitos, levando em conta seu contexto (político, educacional, econômico, ambiental, histórico), utilizando-se de métodos de pesquisa com novos paradigmas "estudos sistêmicos, longitudinais, transculturais, transgeracionais e multimetodológicos" (Mota, 2005: 109).

A partir dos dados coletados, sugere-se que a educação tem um papel importante na construção destes símbolos vinculados à idade: "*O meu tipo de educação, a minha maneira de ser, eu não aceito as... hoje em dia essa... então pra mim é meio difícil*" (referindo-se a algumas formas de relacionamentos íntimos). Além disso, nota-se nos

relatos que existe uma evidenciação destes estereótipos como negativos. As falas denunciam que novas formas de se relacionar surgem na nossa cultura:

> "*agora as relações, eu acho, com toda essa modernidade, eu acho mais sincera do que na nossa época*"; "*Aham, é... agora certas coisas de educação, a maneira das pessoas como é que se diz... Se comportarem, ainda sou muito rígida na... Na minha... Principalmente pra mim, sabe? A evolução, eu acho que tudo, a evolução vem dentro de um contexto*".

Através desta pesquisa, constatou-se que a mulher idosa pode estar ressignificando seu papel na sociedade, pois nasceu em uma cultura machista que a direcionava para trabalhos do lar e cuidados com marido e filhos e, hoje, ruma para a construção de um espaço social onde haja igualdade de direitos e deveres. Apesar disto, as entrevistadas demonstraram terem vivências singulares no seu processo de envelhecimento. Os espaços de interação e a relação com outras gerações e grupos permitem que as idosas desenvolvam autonomia e controle sobre suas escolhas. Sentindo-se empoderadas sobre suas vidas, elas se adaptam melhor às situações que vivenciam e conseguem desenvolver mecanismos de adequação mais equilibrados e satisfatórios no que se refere às transformações trazidas pelo processo do envelhecimento. Tornam-se mais atuantes em seus contextos, interferindo e agindo ativamente na construção de si e do mundo.

Entender como as teorias sobre o envelhecimento influenciam na vida dos sujeitos possibilita que novas formas de tratamento sejam utilizadas com estes grupos, e que novos significados sejam construídos nas práticas profissionais e nos escritos acadêmicos. Produzir novas formas de subjetividade permite, assim, que antigos (e limitadores) atributos de velhice e terceira idade sejam questionados, transformados e abandonados. Não reduzir os sujeitos a aspectos biológicos, genéticos ou sociais permite com que estes desenvolvam projetos e realizações pessoais nesta época da vida na qual a experiência adquirida pode ocasionar bem-estar e qualidade de vida de forma mais ampla e satisfatória.

Referências

Almeida, A.M.O. & Cunha, G.G. (2003). Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicologia: reflexão e crítica, 16*(1): 147-55.

Barros, M.M.L. de. (2006). Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, 52*: 109-32.

Bernardes, N.M.G. (1991). Análise compreensiva de base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos. *Educação, 14*(20): 15-40. Porto Alegre (RS).

Borges, S.S. & Raubach, R. (2004). Tendência a estados depressivos em idosos que não têm o hábito da prática da atividade física: um estudo-piloto no Município de Curitiba. *Revista Digital, 10*(70). Buenos Aires (Argentina).

Busse, E.W. & Blazer, D.G. (1999). *Psiquiatria geriátrica*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Cunha, G.G. (2000). *Brincadeira, sexualidade, trabalho e sabedoria: Assim definem nosso desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Brasília (DF): Universidade de Nacional de Brasília.

Debert, G.G. (2003). O velho na propaganda. *Cadernos Pagu, 21*. Campinas (SP).

Figueiredo, M.do L.F., Tyrrel, M.A.R., Carvalho, C.M.R.G., Luz, M.H.B.A., Amorim, F.C.M. & Loiola, N.L.A. (2007) As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem, 60*(4): 422-7.

Griffa, M.C. & Moreno, J.E. (2001). *Chaves para a psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: Paulinas.

Guareschi, P. (2005) *Psicologia Social crítica como prática de libertação*. (3ª ed.). Porto Alegre: Editora EDIPUCRS.

Hall, S. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Séries estatísticas e séries históricas. *Revisão 2008 - Projeção da população - Grupos especiais de idade*.

Irigaray, T.Q. & Scheider, R.H. (2008). Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *24*(2). Brasília (DF).

Knorst, M., Silva, M.P.M.da, Mantelli, C. & Bós, A. (2001). Qualidade de vida do idoso. *In*: Terra, N.L. (Org.). *Envelhecimento com qualidade de vida*: 29-32. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Luz, M.M.C. & Amatuzzi, M.M. (2008). Vivências de felicidade de pessoas idosas. *Estudos de psicologia, 25*(2). Campinas (SP).

Mota, M.E.da. (2005). Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas em psicologia, 13*(2): 109. Ribeirão Preto (SP).

Papalia, D.E. (2006). *Desenvolvimento humano*. (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Ramos, L.R., Toniolo Neto, J., Cendoroglo, M.S., Garcia, J.T., Najas, M.S., Perracini, M., Paola, C.R., Santos, F.C., Bilton, T., Ebel, S.J., Macedo, M.B.M., Almada F., C.M., Nasri, F., Miranda, R.D., Gonçalves, M., Santos, A.L.P., Fraietta, R., Vivacqua N, I.,

Alves, M.L.M. & Tudisco, E.S. (1998). Two-year follow-up study of elderly residents in S. Paulo, Brazil: methodology and preliminary results. *Revista de Saúde Pública, 32(5)*: 397-407. São Paulo (SP).

Rusch, S.G.de S., Mallet, L.G., Souza, L.D.de M., Wendt, G.W. & Argimon, I.de L. (2008, jan.-jun.). Opções de lazer e atividades físicas e sua relação com a qualidade de vida em idosos. *Movimento & Percepção*, *9*(12). Espírito Santo do Pinhal (SP).

Silva, L.R.F. (2008a). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História ciências da saúde-Manguinhos, 15*(1). Rio de Janeiro (RJ).

__________. (2008b) Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? *Physis*, *18*(4). Rio de Janeiro (RJ).

___________. (2009). Autonomia, imperativo à atividade e "máscara da idade": prerrogativas do envelhecimento contemporâneo. *Psicologia Social, 21*(1). Florianópolis (SC).

Terra, N.L. (2001). (Org.). *Envelhecimento com qualidade de vida.* Porto Alegre: EDIPUCRS.

Recebido em 02/08/2011

Aceito em 29/09/2011

Irani Iracema de Lima Argimon – Psicóloga. Doutora em Psicologia, professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação da PUC-RS.
E-mail: argimoni@pucrs.br

Adolfo Pizzinato – Psicólogo. Doutor em Psicologia, professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação da PUC-RS, Tutor do Programa de Educação Tutorial em Psicologia (PET). PUC-RS.
E-mail: adolfo.pizzinato@pucrs.br

Daniel Dall'Igna Ecker- Graduando em Psicologia na PUC-RS, bolsista de Iniciação Científica do Programa de Pós-Graduação da UFRGS
E-mail: daniel.ecker@hotmail.com